



A. Estado, Poderes e Sociedade

B. Estruturas Produtivas, Trabalho e Profissões

C. Educação e Desenvolvimento

D. Território, Ambiente e Dinâmicas Regionais e Locais

E. Cultura, Comunicação e Transformação dos Saberes

F. Família, Género e Afectos

G. Teorias, Modelos e Metodologias

Sessões Plenárias

Como interagem o duplo código linguístico e a ambivalência cultural na construção da identidade dos jovens de origem portuguesa residentes em França

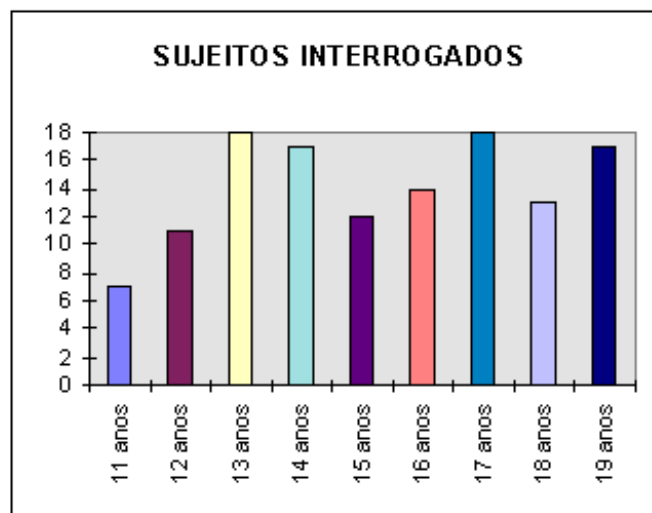
Alcinda Cabral

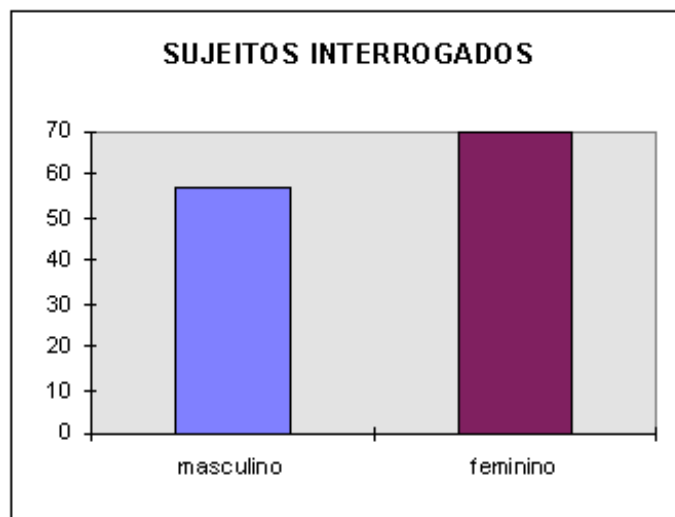
Este trabalho baseia-se num questionário de história sociolinguística a que responderam 127 adolescentes e jovens de origem portuguesa que habitam Saint-Denis, cidade que pertence ao Departamento da Seine-Saint-Denis, situado na região parisiense. Em Saint-Denis localiza-se a segunda maior comunidade de imigrantes portugueses em França.

A população visada frequenta estabelecimentos de ensino básico e secundário em Saint-Denis, a saber :

- Liceu Paul Éluard - 78 alunos do Ensino Secundário, que aí estudam Português como língua estrangeira integrada no currículo da escolaridade francesa ;
- Centro Sociocultural Marville - 49 alunos do 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, que aí frequentam aulas de Português asseguradas pelo C.N.E.D. (Centre National d'Enseignement à Distance) e por um Monitor. Trata-se de alunos matriculados em estabelecimentos de ensino que, pela sua pequena dimensão ou por outros motivos, não dispõem de um leque alargado de línguas entre as quais se possa optar. Nesse caso podem estudá-las no C.N.E.D., por correspondência, e as classificações obtidas são contabilizadas nos boletins de notas das escolas que frequentam.

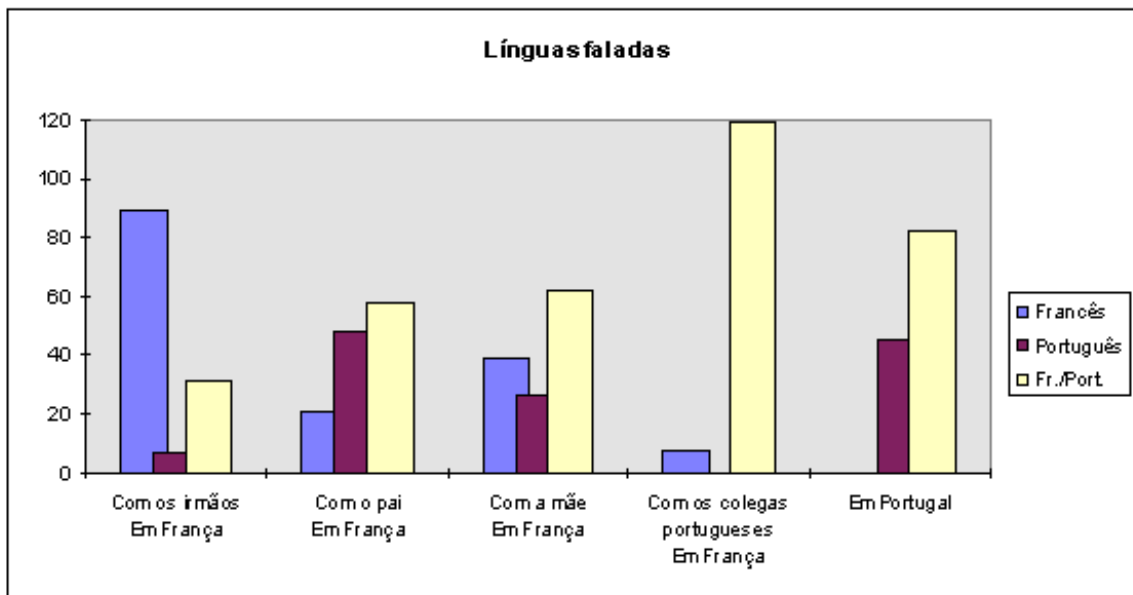
Os gráficos que seguem elucidam-nos sobre o sexo e a idade da população citada :





Dividimos este pequeno estudo em duas partes, tratando cada uma do seu conceito. O primeiro será o bicultural e o segundo será a identidade.

Sobre o *bicultural*, começaremos pela observação de um terceiro gráfico que resume o número de respostas alusivas ao uso das duas línguas. As perguntas separam os dois universos espaciais em que evolui esta população : a França e Portugal. Veremos que a circulação dos dois códigos linguísticos varia em função do país em que se encontram, bem como em função do(s) interlocutor(es).



Como se verifica, entre os jovens é o francês que domina. Eles são continuamente estimulados à sua aprendizagem e ao seu uso pelo meio ambiente, durante onze meses em cada ano.

Note-se, curiosamente, que em alguns casos eles utilizam mais a língua francesa no espaço fechado da casa que no exterior, com os colegas da mesma origem étnica. A explicação para esta situação, que à primeira vista pode parecer insólita, é dupla:

- Nas famílias que impõem ou insistem no uso do Português em casa, eles são capazes da recusa, face à obrigação parental.
- Em contrapartida, em meio francófono, precisamente onde habitualmente eles querem ser tão franceses como os autóctones, o Português pode servir para marcar a diferença, como veremos adiante quando analisarmos as respostas às perguntas abertas que lhes foram colocadas.

Com os adultos da família a alternância de códigos joga conforme as circunstâncias. A língua materna é obrigatoriamente utilizada com os membros que não se exprimem em Francês. Ela é também frequentemente empregue como reforço afectivo, por exemplo : para mostrar a conivência com determinada situação ou para obter algo difícil de conceder pela autoridade parental.

As instruções rígidas dadas quando os filhos são pequenos, do género “aqui em casa fala-se sempre Português”, são violadas à medida que eles crescem, e os pais, regra geral, acomodam-se à situação. Isto significa, ao nível das práticas linguísticas, que os pais falam, ordinariamente, em Português, e os filhos respondem em Francês.

Por vezes as mães são instadas pelas professoras das escolas infantis e primárias a usarem o

1

Francês com as crianças, para melhor as familiarizarem com esta língua, já que muitas chegam aos estabelecimentos de ensino não a conhecendo, em virtude de as mães e as avós lhes falarem sempre na língua materna. Nos casos em que os progenitores aceitam esse tipo de sugestão e tentam pô-la em prática, o que é visado é uma tentativa de progressos linguísticos e de melhor integração das crianças.

Há ainda alguns casos de adopção da língua veicular no interior da família, geralmente por iniciativa das mulheres e muito mais raramente dos homens, motivada por uma procura de prestígio. Aqui a língua é associada à representação que têm da França : uma terra desenvolvida, que paga bons salários, organizada. Assim o país de destino se torna modelo e o de origem o oposto.

Nos casos de tal prática por parte da primeira geração de emigrados, ou seja, os que se deslocaram efectivamente para França, o problema que se põe é que geralmente a língua francesa é mal dominada, fruto de uma aprendizagem não guiada, em meio natural, por falantes que já na sua língua materna se expressam à margem do normativo, do que resulta inevitavelmente a reprodução pelos filhos de maus modelos linguísticos veiculados pelos pais.

Após estas breves considerações que nos foram sugeridas pelas respostas dadas às perguntas fechadas sobre o uso do duplo código linguístico, passamos a duas questões abertas: os sentimentos dos jovens interrogados em relação à língua francesa e em relação à língua portuguesa. Quanto ao critério seguido na apreciação das respostas, privilegiou-se o aspecto quantitativo, tendo-se em seguida atendido ao qualitativo, ou seja, reproduzindo-se as respostas que dentro de cada *ítem* nos pareceram mais elucidativas.

Assim, o Português :

- *é a língua do afecto:*

"É a língua em família, em férias ..."

(Yvette, 16 anos, 9º ano).

"Quando ouço falar Português na rua, volto-me sempre. Faz-me pensar na minha avó e tenho vontade de chorar de saudades."

(Corine, 17 anos, 10º ano).

- *serve para se esconder :*

"O Português serve-me para quando vou a conduzir. Se algum me ultrapassa ou me *chateia*, insulto-o logo de tudo em Português, porque eles não compreendem, e ainda ficam mais furiosos. Além disso os palavrões em Português são ainda mais grosseiros que em Francês."

(Paulo, 18 anos, 12º ano).

- *é empregue para reivindicar a pertença à comunidade de origem :*

"Um dia, numa discoteca, batemo-nos com dois *tipos* que não estavam a ser correctos com umas *miúdas* do nosso grupo. No meio da desordem nós gritámos em Português e uns moços que estavam lá e que não conhecíamos vieram dar-nos uma ajuda. Eram compatriotas !"

(Raimundo, 17 anos, 11º ano).

Por seu lado, o Francês :

* *é a língua de comunicação preferida :*

"Eu sinto-me à vontade quando falo Francês, porque sei que o falo como os outros. Quando falo Português, nunca estou segura de mim. Tenho medo de dar erros. Quando vou de férias as minhas primas portuguesas fazem troça do meu sotaque."

(Maria José, 12 anos, 5º ano).

* *é a língua do sucesso escolar e profissional e da integração :*

"Eu prefiro o Francês. Quando vim para França tinha onze anos. Sentia-me mal na escola, porque não sabia falar. Na minha turma só havia estrangeiros. No recreio os outros chamavam-nos *N. F.*"^[1]
Eu tinha tanta vontade de aprender depressa o Francês e ao mesmo tempo tinha medo de não ser capaz de aprender a falar bem como os outros.

O Português é normal para mim. Não sofri nada para o aprender."

(António, 15 anos, 1º ano de C. A. P.).^[2]

"O Francês é indispensável para os estudos e para arranjar trabalho."

(Judite, 14 anos, 6º ano).

"Se eu não soubesse falar bem Francês, não teria o meu bilhete de identidade francês."

(Fernando, 17 anos, 11º ano).

* *é a língua do amor* :

"Eu aprendi nos filmes a dizer : *je t'aime*. Para mim é natural. Seria incapaz de dizer : *amo-te*. Soa a falso. Não estou habituado a ouvir isso."

(Firmino, 19 anos, 12^o ano).

Certos alunos fizeram questão de afirmar que as duas línguas desempenhavam um papel importante na afirmação da sua identidade cultural :

"Eu acho que ter duas línguas e duas culturas é uma riqueza. Não me importo quando aqui dizem de

mim "*a Portuguesa*" e lá em baixo me chamam "*a Francesa*".^[3] Alguns falam porque têm inveja, mas que se metam na vida deles. O essencial é que me sinto à vontade nos dois lados precisamente porque conheço as duas línguas."

(Cristina, 15 anos, 9^o ano).

Esta amostra de 127 adolescentes e jovens não representa todos os sentires da população luso-francesa deste nível etário. Faltam duas minorias:

1^a - Os que recusam o estudo da língua das raízes parentais, porque preferem outras línguas mais competitivas no mercado actual.

A sua decisão reflecte uma mera preocupação que se prende com os parâmetros vigentes de sucesso profissional. De resto, vão a Portugal com o mesmo prazer que os outros e servem-se da língua materna nas práticas correntes tão à vontade como os alunos interrogados.

2^a - Os que renegam toda a cultura de origem. Para eles, Portugal continua a ser o país pobre, sujo, mal organizado, onde o povo não evolui ...

Eles associam o país à miséria que fez emigrar os pais e a todos os sofrimentos por eles vividos na aldeia natal e à chegada a França. Educados na desconfiança e na rejeição das diferenças, não só tomam as suas distâncias em relação a essa língua e a essa cultura estigmatizantes, como ainda em relação ao meio familiar com todas as suas componentes, chegando mesmo a culpabilizar os pais pela conservação de tradições que eles consideram obsoletas e de valores que catalogam de ultrapassados.

Eis-nos chegados à segunda parte do questionário sociolinguístico que incide sobre o conceito de *identidade*.

A questão do duplo vínculo cultural é inseparável da questão de pertença. A separação que efectuámos diz apenas respeito a uma preocupação de organização do trabalho. Curioso é constatar até que ponto os dois conceitos se entrelaçam, pois a propósito das línguas (portuguesa/francesa) e dos países (Portugal/França) obtivemos em muitos casos as mesmas respostas.

As respostas às perguntas fechadas são observáveis no quadro que segue :

País de nascimento	Nº
Portugal	34
França	93
Sentes-te	
Português	19
Francês	33
Franco-Português	68
Nenhuma	3
Não sei	4
em tua casa	
em Portugal	27
em França	23
nos dois	75
em nenhum	2
imigrante	
sim	119
não	8

Constata-se assim que a maioria destes jovens se sente dividida entre os dois países. Se lhes tivéssemos pedido a escolha de uma pertença exclusiva, pensamos que não seriam capazes de desempatar os seus sentimentos. A forma de conciliação que adoptam os jovens da segunda geração, mesmo os mais velhos (casados, com filhos) é a instalação em França e as férias em Portugal. Nas perguntas abertas, questionava-se os alunos sobre os porquês de se sentirem imigrados.

1

As respostas indicaram que esse sentir reflectia a visão da sociedade acolhedora, que não vê senão as diferenças :

"Isso não vem de mim. Eu nasci em França, sinto-me Francês. Mas é a sociedade que não me aceita como tal."

(Olivier, 17 anos, 11^o ano).

"Não vale de nada ter um bilhete de identidade francês, se se tiver um nome ou um sobrenome com consonância estrangeira, somos sempre imigrantes."

(Salette, 16 anos, 10^o ano)

"A minha irmã não conseguiu um emprego num laboratório só por ser estrangeira."

(Josefina, 13 anos, 6^o ano).

Inseridos numa sociedade que questiona com uma maior acuidade nos últimos anos a sua presença num país a braços com uma crise que se tem revelado difícil de gerir, estes jovens estão muito conscientes desse forte sentimento de não-aceitação com um estatuto de paridade com os autóctones. Efectivamente, a imagem que estes lhes devolvem, é próxima :

a) Do conceito de "imigrante" com toda a carga pejorativa que lhe imprimem.

b) Do conceito de "cidadão francês de origem portuguesa", conotado como "cidadão de segunda escolha" (no caso dos naturalizados Franceses).

Ora, o seu querer oscila entre :

c) O conceito de "estrangeiro", mais aceitável, porque fundido num grupo mais amplo, contendo subgrupos vistos com apreço (ex: Norte-Americanos, Ingleses).

d) O conceito de "cidadão francês" sem reservas.

e) O conceito de "cidadão europeu".

A par das diferentes visões da sociedade de destino dos pais, esta segunda geração surgida da emigração/imigração está ainda exposta a outro leque de imagens, que são as reflectidas pela sociedade de partida parental e que se situam proximamente dos conceitos de :

f) "Cidadão português ausente", que cultiva o desrespeito pelas tradições portuguesas, desvirtuando-as no contacto com a sociedade receptora.

g) "Cidadão francês", ou seja, estrangeiro em Portugal.

h) "Cidadão francês de origem portuguesa", uma espécie de renegado, para quem as noções de Pátria e de antepassados não existem.

Face a estas diferentes imagens que os remetem para os conceitos de "cidadão ausente" e de "residente não-cidadão", os jovens luso- franceses/franco-portugueses, vivendo dentro e fora das

duas culturas situam-se num hibridismo que sai fora do normal.^[4]

Colocados nesta especificidade de dupla pertença, que os remete para um terreno frágil do ponto de vista identitário, utilizam os dois códigos/culturas em presença para construírem a sua personalidade. E se atravessam períodos, no início da sua vida, em que têm dificuldade em situar-se, chegados à idade adulta reivindicam normalmente o direito de escolher nos dois modelos os elementos que lhes parecem mais adequados e mais valorizantes para a sua vivência entre culturas. Neste momento, eles constituem, muito provavelmente, uma das primeiras comunidades a adaptarem-se à nova ideia de Europa unida.

[1] N. F. : Classe especial de Não Francófonos.

[2] C. A. P. : Classe de Aptidão Profissional.

[3] Tradução literal de *là-bas*.

[4] PIRES CARREIRA, T. e TOMÉ M. A. 1994. *Portugais et Luso-Français I*. L'Harmattan/C. I. E. M. I.. Paris.